

# JORNALISMO E ÉTICA NA COBERTURA DE SEQUESTROS: DESLIZES ÉTICOS COMETIDOS PELA MÍDIA NA COBERTURA DO CASO ELOÁ \*

Tede Sampaio<sup>1</sup>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

**RESUMO:** Este artigo trata da relação entre ética, moral e jornalismo que por diversas vezes ficaram pra segundo plano em noticiários jornalísticos. Também propõe pensar sobre a forma como se relacionam entre si e a partir de que momento as falhas éticas comprometem um bom trabalho jornalístico. Além disso, é objetivo deste artigo descrever e analisar a cobertura jornalística pela mídia televisiva do “Caso Eloá”, como ficou conhecido. Os erros cometidos por jornalistas e empresas de comunicação que deram maior importância ao ibope conseguido e aos lucros obtidos com a cobertura do episódio do que ao próprio fato e todas as implicações que ele produziu. Por fim, propõe uma visão crítica sobre o agendamento televisivo da semana que o caso foi ao ar (*Agenda Setting*<sup>2</sup>), atentando para outros fatos importantes que aconteceram na época e não tiveram o mesmo espaço nos noticiários como o “Caso Eloá”.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo, ética, Eloá

## MORAL, ÉTICA E JORNALISMO

Em sua origem, moral e ética possuíam significados praticamente idênticos, o de costume, caráter, maneira de ser. Enquanto moral é originário do latim *morales*, ética deriva do termo grego *ethos*. Com o passar do tempo os significados de moral e ética foram se diferenciando. Enquanto moral passou a representar um conjunto de costumes de determinada

---

\* Artigo orientado pelo Prof. Dr. Sérgio Augusto Soares Mattos (UFRB).

1 - Graduando do curso de Comunicação social com habilitação em jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

2 – O conceito inicial de Agenda Setting foi criado por McCombs e Shaw e exposto pela primeira vez em uma revista acadêmica norte-americana em 1972. O conceito surge em contradição a Teoria dos Efeitos Ilimitados, representado pela Teoria Hipodérmica, que dizia que em curto prazo, a mídia tinha total influência no receptor. Segundo a Teoria Hipodérmica cada receptor é isolado e reage às mensagens midiáticas de uma maneira esperada, tornando assim apenas mais uma partícula de uma grande massa. A Teoria da Agenda Setting vem quebrar essa idéia de que o receptor é passivo à mídia ao afirmar que o poder da mídia gerava efeitos limitados sob a sociedade e esses efeitos se davam a longo prazo. McCombs e Shaw ao criar o conceito de Agenda Setting se basearam em investigações feitas sobre as eleições norte americanas de 1968 ao estudarem como a mídia interferiu na maneira de pensar de um grupo de pessoas analisadas. McCombs e Shaw também se basearam nos estudos anteriores realizados por Walter Lippmann (1922) e Bernard Cohen (1963). Segundo Cohen a imprensa não tinha a capacidade de dizer às pessoas sobre “como pensar”, mas poderia dizer às pessoas “sobre o que pensar”. O conceito ainda foi reformulado por McCombs e Shaw em 1993. Os autores concluíram que através do agendamento e do enquadramento dado, a mídia não só diz ao receptor “em que pensar”, mas também “como pensar” e, assim, “o que pensar”.

cultura ou período, ética ficou conhecida como a reflexão sobre a moral.

Segundo Christofolletti, hoje se entende por moral um conjunto de valores que orienta as ações e os julgamentos humanos. Representam a moral valores como igualdade, respeito, bondade, sinceridade entre tantos outros. É com base nos valores morais que as pessoas escolhem as condutas e se comportam perante certas situações do cotidiano. A maneira como fazem estes valores funcionarem é o que se convencionou chamar de ética.

O estudo dos princípios e sistemas da moral é o que se convencionou chamar de deontologia. O termo deriva do grego *deontos* e é o tratado dos deveres morais das pessoas, “o que deve ser”. Francisco José Karam diz que “a normatização deontológica de regras de condutas morais reflete a sistematização social daquilo que existe na esfera moral e é objeto da reflexão ética” (KARAN, 1997, p. 33). Em outras palavras é a materialização do mundo real respaldado pela reflexão ética. Para Nilson Lage, “os códigos de ética, são mais exatamente, códigos deontológicos” (LAGE, 2006, p. 89), e estão presentes nas mais variadas ações produzidas pelos homens em sociedade.

Na área jornalística não é difícil encontrar quem diga que a ética pessoal define o padrão ético de um jornalista. Porém, tem que levar em consideração as interferências que estão além do controle do jornalista. O profissional da comunicação está atrelado a um coletivo. Em um mesmo trabalho existem os interesses do jornalista que elabora a matéria, interesses do editor, do veículo de comunicação e do próprio público. Cada uma dessas pessoas ou grupos possui uma ética que não necessariamente será a mesma seguida pelo jornalista que produziu a matéria. No artigo “As faces da mesma moeda” Paulo Lima diz que:

A ética no jornalismo começa onde tem início a ética do cidadão. Ou seja, a resolução da questão ética depende também do que o jornalista considera como seu dever de cidadão. O estabelecimento dessa semelhança desmistifica algumas posições tão comuns aos jornalistas (...). Então, para manter uma postura ética, a despeito das pressões que venha a sofrer da empresa onde trabalha (e elas variam de uma para outra), o jornalista deve manter a consciência de que o seu limite é o limite do cidadão. (LIMA, 2004, p.02)

Neste caso, tão importante quanto as etapas técnicas de elaboração da matéria é a ética profissional que se atribui ao produto.

Diversos são os casos em que esses dois componentes não estão presentes na elaboração de produtos jornalísticos. Muitas vezes, ética e técnica perdem espaço para o interesse mercadológico de pequenas e grandes empresas de comunicação. A valorização da notícia como fonte de informação e formação de opinião dá lugar à valorização mercadológica desta notícia. Assim, inúmeros assuntos que são de interesse público perdem lugar para aqueles que dão ibope e, conseqüentemente, mais lucros às empresas.

Ao pensarmos um pouco sobre o conceito de *Agenda Setting*, como a forma que a mídia se utiliza para construir o cenário público, podemos perceber que ela tem o poder acumulativo de manter determinado assunto na mídia por muito tempo de forma atrativa. Nesses casos, além de estarem presentes em todos os lugares ao mesmo tempo ainda conseguem manter maiores semelhanças que diferenças entre as notícias.

Dentro do conceito de agendamento podemos encontrar três subdivisões: (1) a “agenda da mídia” em que compete à própria mídia cobrir ou não determinado caso, (2) a “agenda governamental” representada por ações institucionais, (3) e por fim a “agenda do público” que são as demandas sociais. Porém todas essas agendas estão relacionadas com os interesses do público. Arantza Echaniz e Juan Pagola (2007, p. 217) chamam a atenção, entretanto, para se não confundir interesse público com curiosidade pública. Vários são os casos em que a mídia age de maneira sensacionalista e sem nenhum tipo de responsabilidade. Deixa-se de lado a técnica e a ética jornalística e dão prioridade aos interesses capitalistas do mercado.

Os casos que compõem a agenda do público têm sido cada vez mais, aqueles que dão mais ibope, que prendem a atenção do receptor por mais tempo e geram maiores lucros. Por diversas vezes pessoas ou instituições tiveram suas vidas particulares divulgadas sem nenhum respeito ou responsabilidade, tudo em nome da liberdade de expressão, diversas vezes utilizada para justificar matérias sensacionalistas e erros éticos. O jornalista Luiz Carlos Bordoni no artigo “Jornalista não é James Bond” publicado pelo site Observatório da Imprensa, diz:

Os jornalistas falam em liberdade de expressão, só não sabem que esta, sem a liberdade de pensamento, resulta em sérias distorções, entre as quais a discriminação, o pré-conceito, o pré-juízo. Fariseus da Nova Ordem, eles condenam a censura, mas são, eles próprios, os censores já a partir da elaboração da pauta, onde prevalece o fato que dê audiência e não o que seja de interesse público. (BORDONI, 2002)

As fronteiras entre a liberdade de imprensa e o direito de privacidade ainda são tênues. Não garantem a segurança da pessoa que tem a vida exposta, geralmente em situação constrangedora ou com risco de morte. No confronto entre técnica profissional e o mercado consumidor, os lucros do veículo de comunicação ainda conseguem vencer na maioria dos casos. Deixa-se para segundo plano valores importantes da profissão, sobretudo os princípios éticos, diversas vezes discutidos em encontros, congressos e cursos universitários de jornalismo. Segundo Echaniz e Pagola:

O informador responsável em relação ao público respeita a vida privada e a reputação das pessoas, assim como suas convicções, sua sensibilidade e costumes

legítimos. Igualmente, evita as calúnias, as acusações infundadas e os prejulgamentos sobre juízos legais. Reconhece o direito do público a saber a verdade, aceita o direito de réplica, as sugestões e as críticas construtivas. Apresenta os fatos com objetividade, mas sem brutalidade nem sensacionalismo. (2007, p. 194)

Porém são poucos os jornalistas que, de fato, são objetivos e não apelam para a emoção do receptor. Muitos se utilizam de imagens e textos carregados de emoção para julgar, por exemplo, acusados de cometerem crimes, ato que não compete ao jornalista.

O enquadramento dado por determinados jornalistas em casos como esses pode interferir diretamente na vida do acusado que passa a ser réu da mídia e da sociedade. Não é difícil a mídia e o público considerarem culpado alguém que ainda nem foi julgado pelas autoridades competentes para tal ação. Sobre estes fatos, Echaniz e Pagola (2007) dizem que o público também é culpado por essa invasão de intimidade realizada pela mídia, já que esse público acompanha este tipo de notícia sobre a intimidade alheia fazendo com que a notícia “venda” mais. Para os autores:

É necessário atrair o máximo de leitores, ouvintes ou telespectadores para tornar o produto mais rentável, o que converte os conteúdos midiáticos em objetos de consumo. E nesse processo não se medem esforços. Tudo em que os meios tocam é transformado em espetáculo. (ECHANIZ & PAGOLA, 2007, p. 246)

Casos em que a mídia torna um acontecimento delicado em um grande espetáculo não são difíceis de encontrar. Apenas nos últimos anos pode-se destacar o “Sequestro do Ônibus 174” no ano 2000, o “Caso Isabela Nardoni” em 2008 e o “Caso Eloá” também em 2008, todos com finais trágicos. Além desses, também em 2008, uma jovem foi mantida refém pelo namorado dentro de sua própria casa no bairro de Pau da Lima em Salvador – BA. Ao contrário daqueles, no caso de Salvador ninguém saiu ferido.

Com exceção do caso Isabela Nardoni no qual a mídia passou a atuar depois do assassinato cometido, nos outros três casos a mídia acompanhou os acontecimentos e os transmitiram em rede nacional ao vivo. As inúmeras câmeras e olhos apontados para os protagonistas do episódio não reservaram um espaço para uma conversa sem público, tudo era visto, tudo era ouvido, tudo era acompanhado por grande parte da população nacional e internacional. Esses casos passaram de caso policial com alto risco de morte para os envolvidos para uma novela da vida real.

## DESLIZES ÉTICOS NA COBERTURA JORNALÍSTICA DO CASO ELOÁ

O sequestro de Eloá Cristina Pimentel e Nayara Rodrigues entrou para a história brasileira como o mais longo sequestro com a presença policial cercando o cativo. Além da

longa duração, outra característica do “Caso Eloá”, foram os sinais claros de despreparo em relação à cobertura midiática nesse tipo de situação.

Antes de qualquer coisa, é válido questionar se é ético esse tipo de cobertura, sobretudo com imagens ao vivo, como aconteceu com a Rede Globo, Rede TV, Rede Bandeirantes e Rede Record. Noticiar sequestros em andamento é uma decisão complexa para as empresas de jornalismo, já que envolve a vida de pessoas que estão em cárcere privado e correm risco de morte. Segundo Silvia Ramos e Anabela Paiva, “em geral, criminosos exigem que a família da vítima mantenha a polícia e os jornais distantes do caso. Contrariando, às vezes recorrem a atos violentos como meio de intimidação e pressão.” (2007, p. 119)

A interferência da mídia pode dificultar uma resolução mais simples do caso. Alguns jornais a exemplo da Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, criaram regras para divulgação de casos como o de sequestro e suicídios. Segundo o Manual de Redação da folha de S. Paulo o veículo opta por divulgar o caso só depois de seu desfecho ou caso haja autorização da família do sequestrado. Por outro lado, existem aqueles, a exemplo do jornalismo da Rede Globo e do jornal O Globo, que acreditam que os casos de sequestro são casos públicos e que devem ser transmitidos para a sociedade na tentativa de que alguma providência seja tomada por governantes. Segundo o seu Manual de redação, a Rede Globo opta por noticiar o sequestro sem mencionar o valor do resgate solicitado ou pago e sem mencionar o valor do patrimônio da vítima para que não venha a correr o risco de um novo sequestro.

No Brasil, fatos de grande repercussão explorados pela mídia acabam pautando os governantes e gestores chamando a atenção para problemas que existem na sociedade. Um exemplo é o seqüestro do ônibus 174. A mídia televisiva transmitiu durante mais de três horas ininterruptas o caso ao vivo para todo o país. Este tipo de acontecimento extraordinário “confirma a tese de uma ausência de orientação política mais sólida na área de segurança” (RAMOS & PAIVA, 2007. p. 34). Esses acontecimentos acabam servindo para criar leis, medidas e políticas na tentativa de solucionarem estes problemas que ficaram em evidência com a cobertura midiática. Porém, nem sempre a atuação da mídia é homogênea e surte os mesmos efeitos.

Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007) levantam uma discussão relacionada à agenda da mídia no que diz respeito ao optar por cobrir determinado fato ou não. Segundo as autoras, em casos iguais, enquanto a mídia dá espaço para alguns e se omite diante de outros por razões sociais ela comete outro deslize ético grave, tanto no tocante ao jornalismo quanto à própria sociedade.

O aspecto perverso disso é que, ao tratar daquilo que se traduz nas grandes notícias termina-se olvidando a rotina perversa e sem apelo midiático que vitima centenas de jovens nas periferias das grandes cidades. Já os incidentes envolvendo pessoas de classe média para cima, capazes de mobilizar a atenção da imprensa passam a ocupar uma posição central para os governantes, reforçando o caso de desigualdade na provisão de segurança pública. (RAMOS & PAIVA, 2007, p. 34)

Essas discussões sobre a maneira como as emissoras favoráveis a este tipo de cobertura agem diante desses casos é polêmica e tem sido decidida de acordo com o padrão ético de cada emissora. Entretanto, a maioria delas opta por não divulgar suicídios por perceber que é algo privado e que, salvo alguns casos, não diz respeito ao público.

Outro motivo que leva esses jornalistas a não divulgarem suicídios é o risco de esse caso servir de estímulo para outros casos, tanto que a forma e detalhes do método do suicida raramente são divulgados a fim de não serem seguidos. Em relação ao sequestro de Eloá, em que a transmissão do episódio foi massivamente difundida, essa divulgação pode ter incentivado outros casos. Há pouco menos de uma semana após o sequestro de Eloá no ABC paulista, uma jovem foi mantida em cárcere privado pelo seu namorado no bairro de Pau da Lima em Salvador- BA. O sequestro foi noticiado pela mídia, mas logo chegou ao fim sem maiores danos, aparentemente.

Além de por em risco a vida da vítima a cobertura de sequestros ao vivo pelas emissoras de TV pode também gerar outro conflito ético muito grave. No sequestro de Eloá a mídia passou um longo tempo mostrando imagens do cativo e em alguns momentos as imagens da garota rendida e sob a mira da arma do ex-namorado. Caso Lindemberg, nesses momentos, atirasse e matasse a ex-namorada, a imagem de uma morte seria transmitida ao vivo para todo o país. Fato parecido aconteceu em fevereiro de 2003 em Minas Gerais quando o Jornal da Alterosa (TV Alterosa, afiliada do SBT/MG) mostrou imagens ao vivo de um rapaz que se matou após manter a ex- namorada como refém.

Em relação ao “caso Eloá”, a mídia passou a fazer a cobertura na primeira noite de sequestro, momentos depois de Lindemberg libertar dois dos reféns, Vitor e Iago. Imagens dos jovens saindo do cativo foram mostradas, porém os garotos ainda não estavam completamente em segurança.

A partir deste momento várias emissoras de TV chegaram ao local e ocuparam apartamentos vizinhos ao prédio onde Eloá era mantida refém. Janelas, varandas, tudo servia como uma espécie de estúdio onde repórteres e equipes ficavam alojados dia e noite, em busca de novas notícias e imagens dos jovens dentro do cativo.

Com a chegada de Cristina Pimentel, mãe de Eloá, ao local, os focos das câmeras se voltaram todos para ela. Dona Cristina já havia falado duas vezes por telefone com Lindemberg e passava mal em alguns momentos. Às equipes de jornalismo que estavam no local interessavam mostrar o sofrimento e o desespero da mãe que escutava ameaças de morte à sua filha. Naquele momento o espetáculo que emocionou todo um país durante cinco dias dava os seus primeiros passos e já começava apelando para o lado emocional do telespectador sem respeitar a privacidade e o estado emocional da mãe da garota.

Repórteres que se diziam em busca de informações sobre o caso pareciam estar mais preocupados em mostrar a agonia de três famílias que viam seus filhos e irmãos numa situação com alto risco de morte. As transmissões reprisadas e ao vivo tentavam passar a maior carga de emoção ao telespectador que já acompanhava o caso como a uma novela. A respeito disso, retornemos ao conceito de “agendamento” ao levantar o questionamento se, de fato, noticiar esse sequestro ainda em andamento era de interesse público ou não passava de mais um surto de sensacionalismo das emissoras de televisão que em busca de audiência apelaram para despertar a emoção dos telespectadores.

Para quem acha que choros, desespero e imprevisibilidade devem fazer parte de uma boa cobertura jornalística, as matérias sobre o sequestro de Eloá foram um sucesso. Para aqueles que acreditam que jornalismo deve agir com responsabilidade, objetividade e respeito aos envolvidos, a cobertura foi um desastre. Mas o pior ainda estava por vir.

No terceiro dia de sequestro algumas emissoras de televisão conseguiram o número do telefone que estava em posse de Lindemberg. A possibilidade de um furo jornalístico não pesou menos que todos os códigos de ética existentes. Para a surpresa de todos que acompanhavam o caso, o sequestrador foi entrevistado enquanto o fato ainda estava em andamento.

Nessa quarta-feira, dia 15, o primeiro a ligar foi o jornalista Luiz Guerra da Rede TV. O repórter, que a principio não se identificou para Lindemberg como jornalista e sim como amigo da família, passou a fazer perguntas sobre como estava a situação dentro do cativo e como estavam ele e Eloá. A entrevista foi gravada e transmitida no programa A Tarde é Sua da apresentadora e jornalista Sônia Abrão. Ainda não contentes com o ato que vai totalmente de encontro à ética da profissão e até mesmo a ética pessoal o programa colocou no ar, ao vivo, uma segunda entrevista com Lindemberg e Eloá, ambos em cativo. Dessa vez a própria apresentadora comandou a entrevista. Perguntou ao sequestrador os motivos que o levaram a realizar tal ato, quais eram seus planos, além de mandar notícias do que acontecia fora do cativo.

Durante a entrevista, Lindemberg dava sinais claros de agressividade e perturbação, hora ameaçando matar Eloá, hora afirmando que tudo iria acabar bem e que nenhum mal iria acontecer aos jovens.

Lindemberg também usa a entrevista para falar sobre as ações dos policiais que gerenciavam o caso. Segundo o sequestrador, a polícia não estava agindo certo e os ditos erros poderiam dar um desfecho trágico ao caso. Ao analisar mais atentamente essa entrevista dentro do contexto em que ela se deu é fácil perceber que Lindemberg se utiliza do espaço dado pela mídia para justificar a demora em libertar a refém além de antecipar a culpa para os policiais caso algo não saia *como a população brasileira queira*.

Durante a entrevista a ligação foi interrompida cinco vezes. Até hoje ainda não se sabe se estava sendo cortada pelos policiais, se eram o próprio Lindemberg quem as encerrava ou eram apenas falhas técnicas. Porém, em poucos segundos a ligação era restabelecida e novamente o sequestrador falava ao vivo em rede nacional para todo o Brasil.

Descontente com a entrevista do sequestrador, a apresentadora ainda conversa com Eloá durante alguns minutos. Preocupada em saber como Eloá estava sendo tratada, Sônia Abrão pergunta se a adolescente está se alimentando, e pede detalhes sobre seu estado emocional e de saúde. Eloá respondeu à jornalista dizendo que tudo estava bem, porém, aparentava pelo tom de voz arrastado estar fraca e emocionalmente debilitada após três dias de sequestro sem se alimentar corretamente. A garota encerra a entrevista mandando mensagens para a família na tentativa de tranquilizar pai e mãe que aguardavam pelo fim do episódio e por sua libertação.

Neste dia, o programa A Tarde é Sua, apresentado por Sônia Abrão e que mantém média diária de 2 pontos no IBOPE, registrou picos de até 5 pontos no momento que a conversa com Lindemberg ia ao ar. Este parece ser um exemplo claro de que a guerra de audiência e obtenção de lucros por parte das empresas jornalísticas está acima da ética profissional.

Não foi só a Rede TV, através da apresentadora Sônia Abrão, que fez de Lindemberg uma grande celebridade durante os dias em que o garoto manteve Eloá sequestrada. A Rede Record também dedicou boa parte de sua programação diária à cobertura do caso. Ainda no dia 15 de outubro, Lindemberg conversou com o SP Record. Na entrevista, Liso, como era conhecido, falou sobre os motivos que o levou a sequestrar Eloá e sobre sua preocupação com os familiares que esperavam pelo fim do sequestro.

Outro programa da Rede Record que debateu exaustivamente o caso foi o Hoje em Dia, liderado pelo apresentador Brito Junior. Os debates giraram em torno dos motivos que

levaram o garoto a sequestrar a ex-namorada e contou com apelos emocionados dos demais apresentadores que compõem o programa pedindo para Lindemberg libertar Eloá.

A apresentadora Ana Hickmann, no que pareceu ser uma tentativa de interagir com o sequestrador, chegou a pedir para que Lindemberg fosse até a janela do apartamento e acenasse para a câmera da Record que estava posicionada em um dos prédios vizinhos ao cativeiro. Frustrada com a falta de resposta de Lindemberg, a apresentadora voltou a pedir para que Lindemberg fizesse algum gesto na janela com a intenção de mostrar que ele estava vendo o programa, mais uma vez em vão. A imagem então é cortada para Brito Junior que em meio a especulações sobre a hora da rendição do sequestrador reforça o pedido de Ana Hickmann ao pedir algum sinal de Lindemberg.

A Rede Bandeirantes também não ficou de fora do espetáculo do jornalismo televisivo inspirado no “caso Eloá”. Por mais que o jornalista e âncora do Brasil Urgente, José Luís Datena, tenha criticado a conduta ética de Sônia Abrão ao conversar ao vivo com Lindemberg no programa apresentado por ela, Datena também deu sua contribuição para a sucessão de falhas cometidas pela mídia na transmissão do sequestro. O âncora pediu para Lindemberg acender e apagar a luz do apartamento em sinal de que concordava com o que Datena falava em seu programa. O ato de piscar a luz das casas é um costume dos telespectadores do programa Brasil Urgente em sinal de que estão assistindo ao programa e concordando com o que Datena fala.

A Rede Globo, por sua vez, mostrou no Jornal Nacional trechos da entrevista gravada com Lindemberg nessa quarta-feira, 15. Ao Jornal Nacional o sequestrador voltou a falar que iria libertar Eloá assim como Libertou Nayara. Neste mesmo dia Lindemberg ainda conversou por telefone com a Folha Online e disse como iria proceder após libertar Eloá.

Ao prestar atenção nas datas das entrevistas pode-se perceber que todas elas foram realizadas no mesmo dia, 15 de outubro. Lindemberg, em poucos dias, passou de cidadão comum a protagonista de um caso que mobilizou os principais canais da televisão brasileira. Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007) afirmam que o foco da mídia em um criminoso tornando-o celeridade de um crime lhe dá sensação de poder. “Parece indiscutível que este destaque favorece ao menos em parte os bandidos, reforçando a sua liderança, mesmo que a reportagem acuse o criminoso dos piores atos” (RAMOS & PAIVA, 2007, p.62). Seguindo o raciocínio dessas autoras, podemos dizer que Lindemberg se sentiu totalmente no comando da situação, fato que pode ser comprovado quando o sequestrador passou a não cumprir sua parte nas negociações feitas com os policiais.

No dia seguinte, em negociações com o Grupo de Ações Táticas Especiais (Gate), Lindemberg prometeu libertar Eloá caso Nayara voltasse ao corredor que dá acesso ao apartamento onde estavam sequestrador e vítima. Segundo Lindemberg, Nayara, que mantinha contato com o garoto através do telefone celular, deveria se aproximar do apartamento para amparar Eloá quando fosse libertada. Ao invés disso, Lindemberg mandou que Nayara entrasse no apartamento com a desculpa de liberar as duas em seguida e a fez novamente refém.

Lindemberg que no primeiro dia teria atirado contra repórteres que chegaram ao local para cobrir o caso já via a mídia como aliada. No último dia do sequestro, 17 de outubro, o sequestrador em meio a negociações com o Gate exigiu que a TV Record, com exclusividade, filmasse o promotor de justiça assinando um documento que garantisse sua integridade física após a saída do cativo. O motivo que levou Lindemberg a pedir exclusividade para a Record é desconhecido, mas mesmo tendo o pedido negado, Lindemberg aceitou que as demais emissoras também filmassem o fato.

Naquele último dia o Gate invadiu o cativo e toda a ação foi filmada e transmitida ao vivo pelas emissoras que acompanhavam o caso. Entradas ao vivo na Globo News aconteceram e palavras como “aparentemente”, “provavelmente” e “possivelmente” fizeram parte da narração dada tanto pelo repórter que estava no local quanto pelo apresentador que estava no estúdio. Segundo o Código de Ética da FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas – (2007) esse tipo de informação, em que o jornalista não tem certeza do que fala ao telespectador deve ser evitada.

Capítulo 1. Art.1º, I “A divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independente de sua natureza jurídica – se pública, estatal ou privada – e da linha política de seus proprietários e/ou diretores. (FENAJ, 2007, p. 25)

Com o fim do sequestro e internação de Eloá gravemente ferida com um tiro na cabeça e outro na virilha, o foco dos jornalistas deixa de ser o conjunto habitacional no ABC paulista e passa a ser o portão principal do hospital onde as garotas foram internadas.

O fim do sequestro, porém, não deu fim às falhas cometidas pela mídia. Em nota, a assessoria de comunicação do governo do estado de São Paulo divulgou a morte de Eloá Cristina Pimentel. Na tentativa de dar a notícia em primeira mão alguns jornais que no momento estavam no ar noticiaram a morte da garota sem ao menos checar a informação, como foi o caso da Rede Globo. Às 7h40min da noite o âncora do SPTV Carlos Tramontina noticiava que Eloá não tinha resistido aos ferimentos e vinha a falecer.

Enquanto a Rede Globo noticiava a morte de Eloá, a equipe médica do Hospital Municipal de Santo André negava a informação dizendo que o estado de saúde de Eloá era crítico, mas a garota continuava viva. No mesmo momento os programas e plantões jornalísticos que noticiaram a morte de Eloá tiveram que voltar atrás e negar a informação dada anteriormente. Foi o que aconteceu com a Rede Globo, após O SPTV noticiar a morte da menina, Fátima Bernardes entra ao vivo no plantão da Globo e nega a informação dada pelo colega de emissora. Fátima diz que, embora a assessoria do Palácio dos Bandeirantes (sede do Governo do Estado de São Paulo) e a própria Rede Globo tivessem informado a morte de Eloá Cristina Pimentel, a equipe médica do Hospital negava a informação.

Minutos depois a assessoria de imprensa do Governo de S. Paulo divulgou nova nota informando que Eloá continuava viva. A informação errada sobre a morte de Eloá teria sido passada ao Palácio dos Bandeirantes pelo próprio secretário de segurança pública, Ronaldo Marzagão.

O episódio da morte antecipada de Eloá, além de causar mal estar e constrangimento aos familiares e amigos que passaram por mais de cem horas acompanhando o sequestro, foi também o último da sucessão de erros cometidos por jornalistas e empresas de comunicação na cobertura do “caso Eloá” enquanto a garota permanecia viva.

## AGENDA DA SEMANA

Como foi dito anteriormente o conceito de *Agenda Setting* equivale à forma que a mídia tem de criar o cenário público através das informações passadas. Na segunda metade do século XXI, quando o conceito é criado por McCombs e Shaw (1972), *Agenda Setting* representava a capacidade que os mídia tinham em criar um ambiente real de acordo com as notícias que eram transmitidas.

Os estudos sobre *Agenda Setting* e os efeitos limitados foram evoluindo e seu conceito ganhou uma nova significação depois de 40 anos com os estudos de Bernard Cohen. Segundo Cohen (1963), a imprensa na maioria das vezes pode não dizer às pessoas *como pensar*, mas, no entanto, tem uma grande capacidade de dizer a essas pessoas *sobre o que pensar*. Nesse sentido, segundo o autor, a imprensa pode influenciar o receptor a pensar sobre a maioria dos assuntos que são discutidos pela sociedade, principalmente nas conversas interpessoais.

Mais tarde, pouco mais de 20 anos depois, McCombs e Shaw (1993) publicam nova pesquisa levando em consideração as formulações de Cohen e concluem que os *mídia* não só nos dizem *no que pensar* mas também *sobre como pensar* e, assim, nos dizem *o que pensar*.

Na semana em que o “Caso Eloá” ganhou destaque nos noticiários e programas jornalísticos em rede nacional, a agenda midiática possuía alguns acontecimentos que poderiam ser considerados importantes, porém não foram considerados novidades. Nos mesmos dias em que Eloá era mantida em cativeiro as notícias nacionais e internacionais ficavam para segundo plano nos telejornais.

Nos Estados Unidos as eleições para a presidência do país levavam Obama e McCain a trocarem acusações em campanha. Também em território americano, temendo uma recessão as bolsas de valores norte americanas despencaram fazendo cair também as bolsas da Europa, da Ásia e de São Paulo que registrou a maior queda em 10 anos.

No Brasil a seca atingiu cerca de 22 mil pessoas no Tocantins e provocou incêndios destruindo uma área de mata nativa em Minas Gerais equivalente a 359 estádios de futebol. Além de Minas Gerais a Chapada dos Guimarães no Mato Grosso também sofreu com incêndios florestais.

Na área política foi aprovado pelo Senado um projeto polêmico sobre os cartões de crédito. O projeto permitia que as lojas cobrassem uma taxa extra para clientes que usassem o cartão como forma de pagamento. Também eram pautas dessa semana a crise nas agências de turismo que sofriam com a queda do dólar e a greve da Polícia Civil de São Paulo.

O sequestro de Eloá, entretanto, chamou a atenção da mídia e, conseqüentemente, do público que, seguindo o conceito de agendamento, é pautado pela agenda da mídia. O “caso Eloá” surgiu como algo novo, que envolveu emoção, tensão e expectativa do receptor que acompanhou o caso. O episódio apresentou um “enredo” composto por amor, perigo e incertezas, ingredientes perfeitos para uma boa novela, se não fosse, claro, o fato de se tratar de um caso real e estar em risco a vida de duas jovens mantidas reféns sob a mira de uma arma.

Em pouco tempo o próprio telespectador já buscava notícias sobre o caso que também passou a pautar a agenda do público. A mídia mostrou *o que pensar* e em seguida o público introduziu o acontecimento em diálogos interpessoais passando a fazer parte do cotidiano dos telespectadores durante aquela semana.

O único acontecimento que desviou durante alguns instantes o foco da mídia do sequestro de Santo André foi o combate entre policiais civis e militares no centro de São Paulo. No dia 16 de outubro uma manifestação dos policiais civis marchou em direção ao Palácio dos Bandeirantes para protestar por reajuste salarial. O confronto entre as polícias aconteceu quando uma barreira de policiais militares impediu a marcha de chegar ao seu destino. Os policiais militares tentaram conter a manifestação com bombas de gás

lacrimogêneo, e em resposta os policiais civis revidaram com tiros. Na confusão mais de 20 pessoas saíram feridas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo feito sobre a abordagem da mídia na cobertura de sequestros pôde-se perceber que as principais emissoras de jornalismo televisivo do Brasil ainda não estão de fato preparadas para realizar coberturas de casos de sequestro. As empresas de comunicação evoluíram muito no quesito tecnologia e estagnaram no quesito formação pessoal e jornalística. Os jornalistas dessas empresas se vêem obrigados a renunciarem a ética profissional em nome dos lucros promovidos pelo espetáculo do jornalismo televisivo no Brasil.

Com a evolução dos equipamentos técnicos a forma de se fazer jornalismo e o valor atribuído à moral e à ética profissional sofreram significantes mudanças. Uma boa imagem capturada por câmeras de alta definição passaram a ser mais importantes que a família de uma vítima de assassinato, por exemplo, que vê o parente morto através da tela da televisão. O corpo desse familiar passa a ser matéria prima para a o consumismo televisivo da informação.

A televisão, em diversos momentos, perde sua função de informar e contribuir para o desenvolvimento da sociedade e passa a se preocupar com a boa aceitação de seu produto pelo público. O telespectador deixa de ser receptor e passa a ser consumidor das informações. A lógica do mercado torna a ética jornalística produto ultrapassado, *démodé*.

É como se tivesse descoberto uma nova fórmula perfeita engendrada no suporte tecnológico que proporciona um show de “belas” imagens em substituição ao jornalismo propriamente dito.

É importantíssimo dizer que essa não é uma visão apocalíptica do futuro do jornalismo, mas a postura que vem sendo tomada em alguns programas e emissoras de televisão, sobretudo aqueles de caráter regional que tratam de temas relacionados à violência. Pensar o jornalismo como simples transmissão de informação e na maioria das vezes produto de mercado é atitude que deve ser evitada, sobretudo pelos profissionais e empresas da área.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**, São Paulo. Contexto. 2008

CAMPOS, Marcio. **A tragédia de Eloá: uma sucessão de erros**, São Paulo. Landscape. 2008

DI FRANCO, Carlos Alberto. **Jornalismo, Ética e Qualidade**. Petrópolis. Vozes, 1996

ECHANIZ, Arantza; PAGOLA, Juan. **Ética do profissional da Comunicação**, Tradução: Cristina Paixão Lopes; São Paulo. Paulinas. 2007

ECO, Umberto. **Como Se Faz Uma Tese**, São Paulo: Perspectiva. 2006

KARAM, Francisco José, **Jornalismo, ética e liberdade**, São Paulo, Summus, 1997

LAGE, Nilson. “Repórteres e Ética”, In: **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista em pesquisa jornalística**, 6ª Edição, Rio de Janeiro. Record. 2006 (p.89-107)

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**: O fetiche da velocidade, Rio de Janeiro. Revan. 2002

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência**: Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil, Rio de Janeiro. IUPERJ. 2007

TRAQUINA, Nelson. “A redescoberta do jornalismo: análise da evolução da pesquisa sobre o conceito de agendamento (*Agenda Setting*)”, In: **O estudo do Jornalismo no século XX**, São Leopoldo. Editora Unisinos. 2002. (p.13-47)

BRASILIA. Federação Nacional dos Jornalistas. **Manual de Imprensa – 2007, Assessoria de Comunicação**, 4ª edição, Brasília, 2007. 45 p.

LIMA, Paulo. Observatório de Imprensa. **As faces da mesma moeda**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=296DAC001>> Acesso em: 25 fev 2010.

BORDONI. Luiz Carlos. Observatório da Imprensa. **Jornalista não é James Bond**. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp070820027.htm>> Acesso em: 04 mai 2010

FOLHA ONLINE; São Paulo. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u457514.shtml>> Acessado em: 31 out 2009

GLOBO.COM; Jornal Nacional: Ed. 14 out 2008. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: <<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL799008-10406,00-JOVEM+E+MANTIDA+REFEM+DESDE+SEGUNDAFEIRA.html>> Acessado em: 05 jan 2010

GLOBO.COM; Jornal Nacional: Ed. 15 out 2008. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: <<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL800650-10406,00-POLICIA+APOSTA+NA+NEGOCIACAO+COM+SEQUESTRADOR.html>> Acessado em: 05 jan 2010

GLOBO.COM; Jornal Nacional: Ed. 16 out 2008. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em:  
<<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL802237-10406,00-SEQUESTRADOR+VOLTA+A+TER+DUAS+REFENS+NO+ABC.html>> Acessado em: 05 jan 2010

GLOBO.COM; Jornal Nacional: Ed. 17 out 2008. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em:  
<<http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL803686-10406,00-A+CRONOLOGIA+DE+UM+SEQUESTRO+COM+FIM+TRAGICO.html>> Acessado em: 05 jan. 2010

You Tube; Luiz Guerra e Seqüestrador; Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=NZp3VU1rPWg>> Acessado em: 31 out 2009

You Tube; Sônia Abrão e Seqüestrador 1/3; Disponível em:  
<[http://www.youtube.com/watch?v=9\\_gSLc0oCic&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=9_gSLc0oCic&feature=related)> Acessado em: 31 out 2009

You Tube; Sônia Abrão e Seqüestrador 2/3; Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=CGJewjnPejA&feature=related>> Acessado em: 31 out 2009

You Tube; Sônia Abrão e Seqüestrador 3/3; Disponível em:  
<[http://www.youtube.com/watch?v=F4fBo\\_PGXWM&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=F4fBo_PGXWM&feature=related)> Acessado em: 31 out 2009

You tube; Ana Hickmann pede tchauzinho ao Lindemberg; Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=O7-nsKMH-sU&feature=related>> Acessado em: 31 out 2009